

Corpo e Identidade Feminina na Contemporaneidade

Professora Doutora Mirela Berger – DCSO/UFES

Resumo: Podemos afirmar que na sociedade contemporânea, o corpo configura-se como uma nova fronteira, um espaço de significação dos códigos e culturas. O presente trabalho resume alguns dados e conclusões de minha tese de doutorado, sobre a importância do corpo na construção da identidade feminina, entre mulheres de classe média-alta. Verificou-se que a obtenção de um corpo perfeito está ligada à auto-estima, constituindo-se como um símbolo da mulher feminina e moderna. As principais técnicas corporais para a construção deste corpo e da identidade da mulher “bonita” são a ginástica, as dietas, os tratamentos estéticos e as cirurgias plásticas. Percebeu-se uma cultura do corpo na qual a forma física perfeita desponta como referencial classificatório. De meio, o corpo passa a ser o fim. Apontou-se para uma intensa cultura da perfeição física na sociedade contemporânea e que culmina no processo de culto ao corpo, que para 96% da amostra, é resultado da mídia, que correlaciona imagens de corpos perfeitos com os ideais de beleza e felicidade. Concluímos que embora a aquisição de um corpo perfeito seja fundamental para a identidade feminina, também a destrói, pois desencadeia fenômenos como a depressão, a anorexia e a bulimia, levando à morte física e evidenciando a necessidade de se pensar mais criticamente sobre o culto ao corpo na sociedade urbana-contemporânea.

Palavras Chaves: representações corporais, culto ao corpo, identidade feminina, mídia e distúrbios alimentares.

Sessão Temática ST3: Identidade, Auto-Afirmação e Reconhecimento.

“Uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem: ela é vísceras, nervos, sentidos, neurônios... A história, desta maneira, não se concretiza apenas em guerras, decretos, (...): materializa-se também em perfumes, sons, miragens, carícias, distâncias, evitações ... Não há outra concretude social: uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma” (José Carlos Rodrigues).

Esta comunicação sintetiza algumas questões referentes à minha tese de doutorado “Corpo e identidade feminina”, defendida pelo PPGAS da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP); bem como salienta que o atual processo de culto ao corpo é indissociável dos dilemas que se desenrolam no palco da contemporaneidade.

Se é verdadeiro que um dos desafios atuais é discutir identidade, auto-afirmação e reconhecimento do ponto de vista de minorias étnicas, também é verdadeiro que temas aparentemente fúteis para a comunidade acadêmica, como a temática do culto ao corpo, devem ser objeto de uma reflexão mais apurada, e isto, por vários motivos.

Primeiro, porque o papel do corpo na construção da identidade já é truísmo, pois sabemos que não há registro de sociedades que de alguma forma, não tenham marcado o

corpo de seus membros. Alguns trabalhos clássicos da antropologia como os de Marcel Mauss, Eduardo Viveiros de Castro, Pierre Clastres, entre outros, sabiamente nos fizeram crer que o homem, sempre e em toda parte, soube fazer de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações. A sociedade fabrica, de acordo com épocas e lugares, estereótipos e modelos de comportamento que se inscrevem no corpo. A estrutura social encontra-se simbolicamente impressa no corpo, e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa, ou como diria Rodrigues, “*Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário destas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar na superfície dos corpos, as profundezas da vida social*” (Rodrigues, 1983, p. 44).

Segundo, porque embora todos saibamos que o corpo é produto cultural por excelência, raramente refletimos sobre grupos de nossa própria sociedade e menos ainda, sobre as camadas mais privilegiadas do ponto de vista de inserção econômica.

E finalmente, tal discussão torna-se premente no contexto atual em face do evidente processo de culto ao corpo e de suas implicações na identidade feminina, forçando-nos a questionar as constantes mensagens publicitárias que correlacionam corpo perfeito e auto-estima. Pretendemos mostrar que na atualidade, o corpo magro e malhado constitui-se como um símbolo da mulher feminina e moderna. Refletiremos sobre a existência de uma cultura da perfeição física na sociedade contemporânea e sobre as contradições e paradoxos deste processo, uma vez que, embora a aquisição de um corpo perfeito seja fundamental para a identidade feminina, também a destrói, pois desencadeia fenômenos como a depressão, a anorexia e a bulimia, levando à morte física e evidenciando a necessidade de se pensar mais criticamente sobre o culto ao corpo na sociedade urbana-contemporânea.

Quais são atualmente os padrões e concepções de beleza e porque podemos afirmar que o corpo perfeito na atualidade configura-se como um referencial classificatório?

O primeiro ponto que devemos destacar é que hoje os modelos e sentidos da beleza, bem como sua importância, retomam algumas idéias presentes nos períodos medieval e moderno, mas também as suplantam. O modelo corporal hegemônico não é mais do corpo hiperbólico e incontido dos medievais; mas, também não se reduz ao corpo verticalizado e contido da idade moderna. É um novo corpo, que obedece a uma lógica também nova e que mistura elementos contraditórios.

Quanto à forma, 63,75% da amostra¹ elegeram o corpo magro e malhado como modelo hegemônico de beleza. Pernas torneadas, seios e glúteos rígidos e ausência de barriga foram as características corporais mais enfatizadas como referenciais de beleza. A estas se seguem a

simetria e firmeza do rosto, a ausência de rugas faciais, bem como o cuidado com os cabelos. Este último deve ter brilho, sedosidade e ser, preferencialmente, loiro e liso. Vale destacar também que as entrevistadas afirmaram que quando começam a “malhar” e a ver os resultados do esforço no corpo, tornam-se mais vaidosas, o que acaba refletindo no cuidado com o rosto, cabelos e mãos. Desta forma, quando falamos em culto ao corpo, devemos ter em mente que este processo não diz respeito apenas às formais corporais, mas a aparência de modo geral.

Entre as partes do corpo que as mulheres mais gostariam de mudar estão o abdômen e a cintura (citados por 30% das entrevistadas), seguidos pelos seios; em especial, caso a mulher já tenha tido filhos e amamentado. Os dois primeiros recursos para se alcançar o corpo almejado são a estóica alimentação (que deve ser cuidadosamente controlada para dar nutrientes ao músculo, mas sem estocar gordura) e a prática constante e disciplinada de exercícios físicos. Uma das regras é consumir carboidratos e proteínas (preferencialmente, grelhada) ao longo do dia e proibir o consumo dos primeiros à noite, bem como evitar doces, refrigerantes e frituras. A mesa deixou de ser um lugar de fartura na “tribo” das *bodybuilders*, passando a ser frugal e contida. 59% das entrevistadas faziam regime alimentar no decorrer da pesquisa; e 79% delas tomaram alguma medicação para emagrecer, o que só confirma o dado de que o Brasil é líder mundial no consumo de anfetaminas.

Quando a alimentação controlada e a “malhação” não são suficientes, as mulheres recorrem a tratamentos estéticos e/ou plásticas. É interessante notar que para as entrevistadas a cirurgia plástica só deve ser um recurso quando a mulher já se empenhou nos treinos físicos, mas mesmo assim, não conseguiu mudar algo que lhe incomoda no corpo. Muitas alegam que embora tenham se esforçado muito, necessitaram recorrer às plásticas. Assim, embora o número de cirurgias plásticas tenha crescido muito no Brasil - em 1994 eram 100.000 casos e em 2001 ultrapassam 350.000 (dados veiculados em reportagem da Revista Veja, 06/03/2002) -, para as pesquisadas ela deve ser vista como um “*plus*”, um presente que elas se dão quando consideram que “fizeram a sua parte”. São justificadas, em especial, quanto a mulher já teve filhos e necessita, para maior incremento da auto-estima, levantar e/ou enrijecer os seios, modificados pela amamentação; ou, resgatar as formas abdominais, prejudicadas pela gravidez; ou quando o corpo apresenta características genéticas adquiridas dos pais e que não se alteram com regimes e/ou exercícios. Por outro lado, são criticadas quando se tornam uma espécie de “vício”: as entrevistadas não vêem com bons olhos aquelas que fazem uma plástica seguida na outra. Condenam também quando a mulher faz inúmeras plásticas para ficar “eternamente jovem”, o que para as entrevistadas, muitas vezes se compara à mutilações,

gerando, ao invés de beleza, rostos demasiadamente padronizados e despersonalizados. Mas, apesar destes pesares, 72% das entrevistadas pretende fazer lipoaspiração ou lipoescultura, bem como rinoplastia, redução de bolsas sobre os olhos, implante de silicone nos glúteos e nos seios. 81% das entrevistadas apóiam o uso de prótese de silicone nos seios.

De todo modo, as opiniões são unânimes no que se refere ao motivo primeiro e último de aderir às cirurgias plásticas: a auto-estima. Considera-se que se as cirurgias plásticas forem modos da mulher ficar mais satisfeita consigo própria, ela deve investir no processo, mesmo quando não incentivada por seus companheiros e/ou por outras pessoas. Mas, como parte das entrevistadas não exerce profissão (32,5%), estas têm que contar com rendas advindas de outras situações (investimentos, heranças, aposentadorias) para bancarem suas cirurgias, ou recorrer ao apóio financeiro dos maridos. Este último ponto é significativo, pois muitas mulheres que necessitam do aval financeiro do marido para se submeterem às plásticas sentem-se ainda mais cobradas (por eles e por si próprias) em manter as formas corporais adquiridas, aumentando, por conseguinte, à frequência à academia e o controle da alimentação. É curioso notar que por meio de complexas relações de gênero (impossíveis de serem abordadas no espaço desta comunicação) na sociedade contemporânea, a mulher não se contenta em ser apenas uma boa mãe, esposa e profissional, pois incorporou a idéia de que cabe á ela se adequar aos padrões estéticos estabelecidos. Assim, parte do prestígio social da mulher advém de sua aparência e parecido com o que Saffioti afirmou, mas, invertendo os termos, os homens também se beneficiam da imagem física de suas esposas ou companheiras, configurando uma atitude de *status* reflexa: o embelezamento das mesmas confere prestígio ao homem, pois ao circular com elas nos meios sociais que cobram beleza, eles se afirmam como viris (conquistaram e mantiveram mulheres bonitas), bem sucedidos (capazes de manter economicamente a casa e ainda permitem que a mulher possa “se cuidar” - e “se cuidar” será interpretado pelas mulheres como “estar bonita”).

A mulher não aceita mais “dissimular” a beleza corporal por meio de mecanismos externos como corpetes e espartilhos, comuns entre as mulheres dos anos de 1920; agora o corpo deve atestar em si mesmo a rigidez das formas, até porque as roupas se tornaram menores e evidenciam mais os contornos.

Deve-se destacar também que devido à rigidez dos padrões estéticos de nossa época, qualquer adiposidade, por mais ínfima que seja, é suficiente para minar uma percepção positiva do corpo. Se por um lado, nossa época valoriza a exposição do corpo, também enfatiza que o mesmo deve estar “pronto”, “magro e malhado”, o que para as entrevistadas,

são eufemismos para “perfeito”. Assim, mulheres que poderiam ser consideradas “bonitas” pelos padrões estéticos “médios”, consideram-se “feias” por portarem alguns quilos a mais do que os ditados pelos meios de comunicação e, em especial, válidos para as modelos de moda. A maioria das mulheres calcula seu peso ideal subtraindo vinte pontos com relação à altura, desta forma, mulheres com 1,70 de altura acreditam que seu peso ideal deve ser de “mais ou menos, 50 Kgs”. Além deste cálculo, esforçam-se para atingir baixo potencial de gordura corporal, temem celulite, flacidez e estrias. É curioso também que para a grande maioria, marcas como estrias incomodam mais do que as cicatrizes obtidas com as cirurgias plásticas. É claro que estas últimas incomodam as mulheres, mas são vistas como uma espécie de “mal necessário”: é o preço que devem pagar para obter seios mais rígidos e contornos melhor definidos.

Os padrões estéticos acabam por influenciar tanto no uso de roupas de banho, quanto nos momentos de nudez, seja frente à outras mulheres, seja com parceiros afetivos. A vergonha por não portarem formas perfeitas muitas vezes leva à inibição das mulheres, comprometendo a interação total com os companheiros, ou como disseram as entrevistadas, evitando determinadas posições sexuais, mais pela vergonha de seus corpos “imperfeitos” e menos por pudor.

Outro ponto importante é que distúrbios alimentares, como a anorexia e a bulimia se tornaram mais conhecidos hoje em dia (56% das entrevistadas conhecem alguém que os porta) e também, fazem mais vítimas do que no passado. 10% da amostra portam um destes distúrbios, que segundo reportagem da revista “Época” (03/11/2003), já atinge crianças em idade escolar.

Os motivos mais alegados pelas pesquisadas para os distúrbios acima citados são a pressão social pelo corpo magro, a influência do mercado da moda, a valorização de atrizes e/ou modelos magras, seja na televisão, seja em revistas ligadas ao corpo e/ou de informação e a publicidade de modo geral.

Apontam também para a existência de *sites* na rede mundial de computadores (*internet*) que promovem a anorexia e a bulimia como estilos de vida, veiculando, entre outras mensagens, “que é mais importante ser magra do que ser saudável” e que “ser magra é a coisa mais importante que existe”. Tais mensagens encontram eco e repercutem de forma significativa no imaginário da mulher atual, gerando frustrações e minando a saúde.

Mas, o que deve ser ressaltado é que, mais do que a forma corporal, mudaram as concepções e atitudes frente ao corpo.

Abandonamos as idéias higienistas de que a prática corporal ligava-se apenas à manutenção da saúde e deveria ser “leve”, tanto na duração quanto na intensidade das práticas corporais. Comparando-se com o passado, o ritmo atual das atividades físicas pode ser considerado intenso, vide que 44% das entrevistadas afirmou exercitar-se de 3 a 4 dias na semana, e outros 44% o fazem mais de 5 vezes. Além da pressão social pelo corpo “malhado”, podemos destacar que as entrevistadas também justificam a necessidade de exercícios físicos devido ao sedentarismo inerente à constituição de sociedades modernas, que ao disponibilizarem recursos como carro, elevador, empregada doméstica, equipamentos eletrônicos, etc, acabam promovendo uma diminuição do gasto energético no dia a dia.

Longe dos modelos médicos e/ou higiênicos, o novo corpo apega-se cada vez mais ao prazer e à sensualidade, e as mulheres temem, sobretudo, não terem os recursos para alcançar os padrões de estética, do que a condenação moral e social da beleza por parte da sociedade mais ampla. Na verdade, sentem-se impelidas e incentivadas por esta sociedade em fazê-lo.

Além do mais, de meio para a obtenção de maior controle emocional; ou, de fortalecimento da nação, o corpo tornou-se um fim em si mesmo. Ele passou a justificar não só a educação física, mas toda e qualquer intervenção que possa melhorá-lo. Vários aspectos atestam esta mudança. Entre eles, podemos destacar que 82% das entrevistadas consideraram a aparência muito importante e 95% acreditam que a importância dada ao corpo aumentou com relação ao passado. Com relação à influência da beleza no mercado de trabalho, 94% consideram a aparência central. No tocante às relações afetivas, 88% a consideram de muita importância na aquisição de parceiros afetivos/sexuais.

Neste contexto, de acordo com Maruska Freire Rameck (2001), o corpo deve ser visto como um indicador segundo a perspectiva de Charles Sander Pierce, porque se a mulher é bonita (e bonita aqui significa magra e torneada), revela que ela é bem resolvida e bem sucedidaⁱⁱ. Em nome da manutenção ou conquista deste indicador, e incentivadas pela mídia, as mulheres aderem á atividade física. Mesmo aquelas que não gostam de ginástica se sentem impelidas á tentar se aproximar dos modelos corporais veiculados, acreditando que esta adesão pode lhes conferir *status*, melhores oportunidades afetivas e de trabalho.

Um dado central é que não podemos incorrer no erro de creditar o processo de culto ao corpo à idade, baixa escolaridade e/ou à falta de ocupação. Embora a pesquisadora tenha percebido que as mulheres mais jovens (nas faixas etárias de 18-28 anos e de 29-39 anos) enfatizem mais a estética, enquanto mulheres mais velhas (nas faixas etárias acima de 40 anos) tendam a enfatizar a saúde, isto não pode ser considerado regra determinante, visto que

há muitas mulheres jovens enfatizando a saúde e criticando o culto ao corpo; quanto senhoras que apontam motivos estéticos para a “malhação” e não hesitam em aderir às mais diversas técnicas de culto ao corpo. A idade também não determina o ritmo das atividades, sendo comum a presença de mulheres na faixa etária acima do 60 anos em atividades como *BodyPump*, *BodyJump*, aeróbica e musculação. Com relação à percepção de que o modelo de corpo hegemônico é o “magro-malhado”, podemos dizer que ela ocorre em mulheres de todas as idades. Acredito que isto se deve ao fato de que os modelos corporais e a importância da beleza se difundiram de tal maneira entre as mulheres urbanas de classe média-alta, que se infiltraram por variados segmentos etários, como comprova a adesão da chamada “terceira-idade” à atividade física, bem como da transmissão destas idéias e comportamentos de uma geração à outra – como é o caso de mulheres entre 39-49 anos que, de tão assíduas à academia, passaram o hábito às suas filhas; ou o inverso, de adolescentes que convenceram suas mães e mesmo avós a aderirem à “malhação”. Novamente, cabe lembrar que mesmo quando a saúde é o fator principal para justificar tal prática, a estética também se infiltra no discurso e nas representações femininas sobre o corpo.

A escolaridade e o exercício da profissão também não se revelaram determinantes: 89% das entrevistadas têm nível superior e 67,5% exercem profissão. Se lembrarmos também que todas as mulheres vitimadas por anorexia ou bulimia (o que corresponde a 10% da amostra) têm nível superior e, destas, somente duas não exercem a profissão, podemos perceber que o culto ao corpo pode ser influenciado, mas não explicado por estas duas variáveis.

É que, na verdade, não se trata apenas da aquisição de formas corporais específicas, ou de mera futilidade, mas de condutas ligadas à auto-estima e à identidade femininas: para 84% das entrevistadas a prática regular de exercícios levou-as a se preocuparem mais com a auto-imagem. O corpo funcionará assim, como um indicador de sucesso e *status*, diretamente ligado à própria noção de pessoa. Assim, é preciso ser inteligente, ter profissão, ser boa mãe e companheira, mas também se valer do capital simbólico da beleza, entendido pelas pesquisadas como “um trunfo a mais” no sucesso pessoal e profissional.

De tão comum, podemos dizer que o culto ao corpo já se tornou parte da nossa cultura, está ao nosso redor e nos suscita a pensar sobre ele, sob pena de sermos por ele tragados. No universo pesquisado, 88% das entrevistadas acreditam que podemos falar atualmente num processo de culto ao corpo e só 9% o consideram “mais ou menos” presente em nossa sociedade.

O culto ao corpo está ligado 1) ao que Maffesoli chamou de presenteísmo (Maffesoli, 1998), ou seja, a demasiada primazia do presente na contemporaneidade: vive-se para o agora, para o instante imediato; a tradição, tão rica no período anterior à contemporaneidade, é descartada e o futuro está demasiado longe para se pensar nele. Cultua-se o momento presente e o triunfo do corpo: quando questionadas sobre as conseqüências de atitudes como regimes extremos, bronzamento artificial, uso de drogas para emagrecer ou mesmo de anabolizantes, as mulheres afirmaram que não vale a pena se preocupar demais com os seus efeitos nocivos em longo prazo, que o importante é estar bonita agora; 2) A questão da técnica, já reforçada por Courtine (1995) e Malisse (2000). O desenvolvimento do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados á manutenção do corpo, além de toda uma tecnologia do suor (“*high-tech sweat*”), são alguns dos itens que diferenciam as práticas atuais das antigas práticas de musculação e que neste sentido, marcam um processo de culto ao corpo diferente de outros processos ligados ao corpo no passado. Ademais, chega ao Brasil, a partir dos anos de 1970, junto com as bonecas *Barbie* chegaria ao Brasil o *body bussiness*, ou seja, máquinas e técnicas do corpo que promoveriam um *marketing* de vivências corporais e passaríamos de uma estética feminina à uma ética feminina, ética que obrigaria a mulher a responsabilizar-se por seu próprio envelhecimento e a consumir produtos e técnicas para evitá-lo. A mulher passa a ser responsabilizada por sua imagem e cobrada por ela, reforçando assim estereótipos e construções de gênero. Ela incorpora que uma das suas responsabilidades, enquanto mulher, é ser bonita; 3) Outro pilar que sustenta a religião do corpo perfeito é que o mesmo passa pelo esforço do “indivíduo”, ou seja, a ênfase de que o indivíduo sozinho, utilizando-se de aparelhos, pesos, muita ginástica, alimentação e produtos químicos pode construir seu corpo ideal, tão veiculado e reforçado pela mídia. Ou seja, ele não precisa e nem deve “se conformar com o que Deus lhe deu”, já que, com seu esforço, ele pode corrigir o que não corresponde ao padrão cultural de sua época e lugar. Estamos na era da “tecnologia do suor” (*high-tech sweat*) e, através dela, acredita-se que podemos escolher o

corpo que queremos ter: “*Você pode se tornar a pessoa que sonha ser*”, dizem os *body-builders*. *Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro*” (S. Fussel, 1991, p. 73). O mito de que “é possível construir a si mesmo” é central no processo de culto ao corpo. A ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é que o indivíduo, ele e somente ele é quem vai prestar contas ao olhar “crítico” e hierarquizante de seus pares (e não mais de um Deus transcendente), além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista.

Cabe-nos também destacar que o corpo da atualidade é apreendido como absolutamente moldável. O corpo dos medievais era visto como uma graça divina, como resultado da herança genética, ou preso à teoria dos humores. As pessoas aceitavam mais o corpo que tinham, e o modelo de beleza recaía mais sobre o corpo hiperbólico do que sobre o corpo esguio. Com a modernidade, esta visão se altera, mas, subsistem as idéias da ginástica como algo terapêutico ou relacionada à manutenção de formas corporais já existentes. Será somente na atualidade que o corpo será apreendido como maleável e de inteira responsabilidade individual: a tônica dos *bodybuilders* reforça a todo instante que podemos fazer de nós mesmos um “outro”. Difundiu-se na atualidade a crença de que “só é feio quem quer”, ou quem está excluído economicamente desta e de outras esferas sociais.

Se por um lado esta crença levou-nos à possibilidade de recorrer mais tranqüilamente à tratamentos estéticos e/ou cirurgias plásticas, também operou um processo de culpabilização da mulher, que passou a ser responsabilizada por assegurar sua cota de beleza. Entende-se que a mulher moderna deve “fazer a sua parte”, o que significa, no mínimo, para as menos abastadas, reduzir a ingestão de alimentos calóricos e exercitar-se. Já para as mais abastadas sobe o nível das cobranças: além de controlar a alimentação e malhar, esta deve recorrer às plásticas estéticas e a inúmeros tratamentos faciais, sob a pena de ser considerada “desleixada”. Para a ideologia do culto ao corpo, não há felicidade fora da beleza.

O corpo inscreveu-se definitivamente na lógica do individualismo competitivo. Primeiro, porque como ressalta Rodrigues (1999), a característica primordial da constituição da individualidade é o espelhamento de si em si mesmo, é o cuidado de si, a atenção e policiamento das próprias condutas e pensamentos. Segundo, porque a competição é inerente ao próprio processo de individualização, já que os referenciais que me definem só existem em

íntima correlação – e paradoxalmente, afastamento – com os referenciais alheios: para que o indivíduo se singularize, é preciso primeiro que ele se afaste dos “outros”. No caso das nossas entrevistadas, a lógica é a de ao mesmo tempo se igualar aos modelos estéticos pré-existentes, mas também, se diferenciar e competir através deles; tanto que para 52% da amostra as mulheres se arrumam para serem vistas, admiradas e invejadas pelas próprias mulheres.

Por outro lado, o culto do eu exige, como ressaltaram Elias (1990) e Rodrigues (1999), uma atenção maior ao peso das convenções sociais e do teatralismo artificial sobre às sensações imediatas, tornando o indivíduo menos resistente às pressões externas, que antes eram exercidas sobre toda a sociedade e agora passam a ser exercidas sobre cada um de nós, aumentando nossa vulnerabilidade à mídia e à opiniões alheias. Ou, como afirmou Rodrigues (1999): *“o indivíduo independente, autônomo e livre, absorve água quando pensa respirar e acaba se afogando no oceano das regras de um sistema político e econômico, de uma cultura, enfim, que o escraviza e que o obriga a ser exatamente assim: alguém que desempenha compulsoriamente o papel de ser livre, autônomo, independente (...). O indivíduo acaba por sentir em si o mal-estar silencioso, derivado da talvez mais hermética das prisões, aquela que se constitui quando o homem passa a ser um carcereiro de si próprio, vivendo na ilusão de ser livre. Mal-estar ruminante, que emerge inapelavelmente quando o ser humano se transforma, para relembrar as muito sábias palavras de Montaigne, em ‘amo de si mesmo’”* (Rodrigues, 1999: 178-179).

Recontextualizando para o culto ao corpo, podemos resumir afirmando que somos livremente obrigados a fazer ginástica, cultivar a magreza e a “malhação” e sonharmos com próteses de silicone. Além é claro, de cabermos no tamanho “P”, pois desprende-se que o corpo da atualidade, além de domesticado e disciplinado, deve ser exposto.

Se nos primórdios da idade moderna engendraram-se as idéias de autocontrole físico e mental, bem como de frugalidade, agora temos uma nova lógica: ascese e disciplinam mesclam-se ao hedonismo e ao desejo de exibição e exposição do corpo. De nada vale, para a nossa cultura, adquirir o corpo ideal se não for para mostrá-lo, tanto que para 96% das entrevistadas a exibição do corpo hoje pode ser considerada exagerada, reforçando a idéia de nossa sociedade como uma cultura narcísica (Lasch, 1979). Aumenta progressivamente a quantidade de espelhos, bem como do prazer de neles buscar nosso reflexo, ansiando por ver o corpo desabrochar. As roupas diminuem e exibir o corpo passa a ser tão importante quanto conquistá-lo. Lembremos também que para Courtine (1995) a geração pós 1980 caracteriza-se por um *ethos* que pode ser chamado de “puritanismo ostentatório”, combinando numa só prática, disciplina rigorosa com desejo de exibição, autoprivação ascética com afirmação positiva do eu. É preciso “malhar” o corpo, judiá-lo e levá-lo ao limite, para depois mostrá-lo

e adorá-lo. Evidencia-se um comportamento hedonista também porque a idéia de prazer será central na atual cultura do corpo: prazer de estar consigo mesma; prazer em mostrar-se e prazer sexual, porque envolve a sedução do outro pelo físico. Longe de corpos cobertos, as imagens na mídia tendem a correlacionar beleza, exposição do corpo e sedução. Ao contrário da década de 20, os corpos não estão mais escondidos nem pelas roupas nem pelos preceitos cristãos, eles estão à mostra, desvelados.

É central também destacar que no que se refere à cultura do corpo na contemporaneidade, a imagem é central, primeiro porque toda cultura do corpo passa por imagens reais do corpo, projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pelos meios de comunicação são indissociáveis deste processo de desejar e construir um corpo ideal.

Sabemos que as imagens são formas privilegiadas de recorte, apreensão e organização do real e do imaginário. Através dos múltiplos elementos que põem em cena, as imagens constroem idéias, contam histórias, enfim, registram tempos, lugares, sentimentos. Assim como um *"fato social total"* (Mauss, 1974), condensam uma série de eventos e representações. No universo dos *bodybuilders*, proliferam revistas específicas destinadas aos cuidados com o corpo. Revistas de fisiculturismo, "Boa forma", "Dieta-Já", "Corpo", são alguns dos exemplos. Além destas, é evidente o quanto a preocupação com o corpo tomou conta de várias outras revistas como "Veja", "Época" e de jornais diários como "Folha de S. Paulo", "Estado de São Paulo", etc. As revistas citadas são preches em imagens que priorizam corpos considerados bonitos. Além disto, são comuns fotos que contrastam situações chamadas de "antes" e "depois". As fotos do "antes" são imagens corporais de mulheres que eram "gordas e infelizes"; já as do "depois" mostram imagens destas mesmas mulheres, agora "magras e bonitas, através do produto "X" ou da clínica tal". Vincula-se felicidade à beleza e, por sua vez, beleza à magreza. Estas imagens são cruciais na construção e reafirmação de alguns modelos corporais, construindo, através da formas midiáticas, a representação da mulher como bonita, preocupada com a aparência, que "se cuida", que é admirada por homens e mulheres por seus atributos físicos.

Featherstone afirma que a centralidade da manipulação comercial das imagens, mediante publicidade, mídia, exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina uma *"constante reativação de desejos por meio das imagens"* (Featherstone, 1995, p. 100). De tanto ver o corpo malhado exposto, seja no dia a dia, seja na mídia, acostumamo-nos a desejá-lo, e de tanto desejá-lo, ele se tornou vital para nós.

Sabemos que as imagens têm um papel novo e central na cultura de consumo: a concentração, a densidade, a abrangência da produção de imagens na sociedade contemporânea nos empurra para uma sociedade qualitativamente nova, o mundo simulacional, no qual se aboliu a distinção entre realidade e imagem, estetizando-se a vida cotidiana. Tudo se transforma em espetáculo, como já diria Debord: *“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”* (Debord, 1992, p. 13). Debord percebe que o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre pessoas, mediada por imagens. Também enfatiza que *“o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana. Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece”* (Debord, 1992: 16).

As imagens induzem a correlação entre obter o corpo perfeito e alcançar a felicidade. A publicidade surge neste processo como uma espécie de operador totêmico (Rocha, 1995), e as formas perfeitas como totens midiáticos. Sabino (2002) concorda com Rocha e diz que: *“Tal como um ‘selvagem’ saberá identificar o comportamento e a aparência de uma pessoa do clã do urso ou da Águia, podemos identificar, pela aparência ou conduta, alguém que é marombeiro ou se dedica regularmente ao mundo da musculação e das academias”* (Sabino, 2002: 145).

O corpo, se espetaculariza; e o espetáculo corporifica-se, está inscrito no corpo e ao mesmo tempo, comanda-o. Nosso corpo já não é mais o corpo coberto da modernidade e sim o corpo desnudo, espetacularizado. Roupas menores e mais justas, bem como a nudez invadem não só o mundo privado das nossas entrevistadas, mas o público, estão estampados em *outdoors*, comerciais, novelas e outros produtos.

Sustentamos que mais do que proclamar a morte das utopias da comunicação em favor das utopias do corpo (como propunha Sfez), podemos afirmar que hoje, mídia e culto ao corpo entremeiam-se, constituindo verdadeiros ícones no entendimento de nossa cultura e sensibilidade. Segundo as mulheres pesquisadas, a mídia é grande responsável na criação e na consolidação dos modelos estéticos, tanto que 96% da amostra afirmaram que a mídia interfere no processo de culto ao corpo.

É importante ressaltar também que as academias modernas construídas em ferro e vidro lembram o panóptico de Bentlan e são também templos de consumo onde se vende a todo o momento o corpo perfeito como uma mercadoria, que pode ser comprada por quem puder pagar por todos os aparatos que o sustentam. O palco onde a modernidade se apresentava aos olhos dos séculos XVIII e XIX era a cidade, urbanizada, vertiginosa, espetacularizada. As

galerias e lojas de departamentos estavam por toda parte, em sua maioria construídas em ferro e vidro, num movimento de exposição do seu interior.

Segundo Benjamin (1985), elas eram “mundos de sonhos” da cultura de consumo, materializações da fantasmagoria de que falava Marx: as novas galerias e lojas de departamento eram templos onde as mercadorias eram cultuadas como fetiches: “*As exposições universais constroem o universo das mercadorias. As fantasias de Grandville transferem para o universo o caráter da mercadoria. Elas o modernizam. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para se divertir*” (Benjamin, 1985: 36).

Da mesma forma, vejo as academia de hoje como templos de consumo e exposição nos quais o corpo perfeito aparece como um fetiche. Debord também demonstra que modernidade, mercadoria e espetáculo estão atrelados, já que “*O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social*” (Debord, 1992: 30). Segundo ele, “*O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por ‘coisas supra-sensíveis embora sensíveis’, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele*” (idem, *ibidem*: 28).

Não são exatamente estas as características que encontramos no atual culto ao corpo? Nunca se vendeu tanto a ideologia do corpo perfeito como hoje. E, atrelado a ela, todo um mercado surgiu: clínicas de estética, nutricionistas, academias, lojas de suplementos, etc. Há alguns anos atrás, era possível viajar para uma bucólica cidade de Minas Gerais, Caxambu, hospedar-se em hotéis com excelente serviço gastronômico, participar de congressos científicos e partir alguns dias depois transportando, além da carga intelectual, alguns quilos a mais estampados no corpo. Hoje, até os hotéis menores oferecem uma sala de ginástica para aliviar a consciência dos que se entregam às tentações da gula. Parece haver no ar um sentimento de culpa quando estamos acima do peso ou ostentamos um corpo divergente dos padrões estabelecidos.

Além disto, o próprio corpo se torna um capital rentável e sem fronteiras, cercado de enormes investimentos de tempo e dinheiro, já que ele parece ser cada vez mais importante para o sucesso pessoal e profissional. Ele se torna desejo, pois atesta triunfo, mas também se transforma em espetáculo e, como tal, não escapa dos mecanismos de alienação e fetichismo da mercadoria. Debord salienta que “*a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Esta alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente (...) O caráter tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, o seu fim*” (Debord, 1992, gs. 15 e 17).

O culto ao corpo da atualidade coloca-se como um espetáculo de corpos construídos e diz a todo instante que, para sermos socialmente aceitos, temos que nos preocupar com a aparência. Os meios de comunicação reforçam esta idéia e cada vez mais, somos levados a acreditar nela, buscando padrões corporais que hoje são vistos quase que como naturais pelas pessoas. Raras vezes paramos para questionar esta busca desenfreada pelo corpo perfeito ou pela magreza extrema. Vamos apenas desejando-os e cultuando-os como fetiches, fechando os olhos para os processos culturais de imposição de modelos que o revestem. O espetáculo do corpo magro e “malhado” coloca-se ao mesmo tempo enquanto desejo, propaganda do culto ao corpo e realidade.

Este corpo, ao mesmo tempo em que é um meio de ascensão e pertencimento social, também é um fim em si mesmo, o grande objetivo de boa parte da população. Ele não está vinculado, como era o caso no período arcaico grego, ao Estado, à possibilidade de derrotar outras nações pelo esporte ou pela guerra, bem como de bem cuidar dos assuntos da pólis. Ele parece fechar-se em si mesmo e nos escravizar.

Rodrigues afirmou que, na esteira do processo de fragmentação do corpo, acabamos por criar um paradoxo: ao mesmo tempo em que o corpo ganha uma visibilidade sem precedentes em outras épocas, esta sua excessiva visibilidade acaba por decretar sua inexistência: *“A lógica que cultua o corpo também o põe à distância, caracteriza o corpo como diferente do ser humano que ele encarna e faz dele algo que se possui, como um objeto exterior. Ela concebe o corpo como algo que se produz (...), algo que se pode vender e comprar (...). Trata-se basicamente, de ‘ter’ um corpo, necessariamente no singular. Ter aquilo que dá contorno a individualidade. ‘Possuir’ aquilo que me separa dos outros, do mundo e de mim mesmo”* (Rodrigues, *op. Cit.* Pg.180). E, de tão separados, perdemos a capacidade de nos comunicar com nossos semelhantes ou receamos que o corpo nos traía: fingimos não ouvir um rumor estomacal ou uma tagarelice dos orifícios e chegamos a pedir desculpas ao aproximarmos em demasia de alguém desconhecido. Para o autor, as transgressões das regras e éticas corporais passam a expor o indivíduo ao risco simultâneo de vergonha íntima e de ridicularização pública, ameaçando a perda do prestígio e da estima sociais e levando-o a se desculpar e a punir-se em seguida. Presos à lógica que nós mesmos criamos, somos a um só tempo, os transgressores da ética do corpo perfeito e os carrascos de nós mesmos. Uma das entrevistadas diz a respeito da cobrança pelo corpo perfeito:

“Era uma cobrança interna pela perfeição física, ainda hoje, é principalmente interna, mas já teve o aspecto externo que me incomodou muito. Quando eu rompi um relacionamento, que eu fiquei solteira, ai, quem é que vai me querer, eu não quero um homem acabado de 58 anos, 60 anos

(...). *A cobrança que vem de fora é tremenda, as mulheres que não seguem a cobrança se sentem muito envergonhadas e chegam a pedir desculpa, ‘olha, eu sei que eu tô um lixo, ai meu Deus, eu não posso usar uma roupa desta’, entendeu, eu acho que elas não podem usar certas roupas e acabam se sentindo uma droga como mulher e se desculpando por isso.”* (Mulher 13, 59 anos). Ou seja, o indivíduo que adere às lógicas do culto ao corpo é punido pela contracultura caso se sujeite, mas é punido pelo restante da sociedade por não o fazer, ou nas palavras de Rodrigues, “*por não se ter deixado assujeitar*” (Rodrigues, *op. cit.*, pg. 187).

Neste cenário de cobranças estéticas a aparência se reafirma em todos os sentidos: mais do que ter um corpo eternamente jovem (já que isto é biologicamente impossível), precisamos parecer tê-lo. O que realmente conta é com o que nos parecemos, graças às maquiagens, regimes, cirurgias plásticas e afins. Como disse uma vez Cindy Crawford, considerada ícone internacional de beleza, “*Antes de passar pelo menos duas horas com o maquiador e o cabeleireiro, nem eu pareço com a Cindy Crawford*” (Goldenberg e Ramos, 2002: 19).

A este respeito, diria Debord (1992) que “*A primeira fase da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer (...) Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela* (Debord, 1992, p. 24).

Sobre o “verdadeiro eu”, um arsenal de cosméticos e tratamentos estéticos irá se sobrepor, para que, finalmente, apareça o modelo de pessoa que a sociedade mais ampla julga adequado. Nosso corpo, antes de ser um produto meramente biológico, é suporte de identidades sociais, construídas pela cultura e reafirmadas por ela. Não há corpo que seja intocado pelas práticas culturais desta ou daquela sociedade, o que nos remete novamente à Mauss, que associa a noção de persona latina a máscaras, máscaras trágicas, máscara ritual e máscara ancestral. Epiceto, ao discutir a idéia de persona entre os gregos acrescentou a ela o sentido moral, além do sentido jurídico; assim, de um sentido de testemunha, passou-se ao sentido da consciência do bem e do mal. Segundo Mauss, “*Epiceto guarda ainda o sentido das duas imagens sobre as quais trabalhou esta civilização, quando escreve o que Marco Aurélio cita: ‘esculpi tua máscara’, ‘impõe teu personagem’, ‘teu tipo’ e ‘teu caráter’, quando lhe propunha o que vinha a ser nosso exame de consciência*” (Mauss, 2003, p. 391). Assim, sobre o corpo instauram-se máscaras sociais, revestimentos de símbolos, adornos, maquiagem, que criam um personagem, um outro eu, diferente do que eu posso ser na intimidade do meu lar.

Também basta uma análise atenta para percebermos que o processo de culto ao corpo não se sustentaria sem um comportamento hipnótico, que leva as pessoas a aderirem a práticas

como ginástica, sessões de estética ou mesmo uma aula de *spinning* (pedalar alucinadamente uma bicicleta que não sai do lugar, subir e descer ladeiras imaginárias, todos ao mesmo tempo, ao som de música “*tecno*” e luz negra). Observando o ambiente da academia do alto da escada que leva à imensa sala espelhada dos equipamentos de aeróbica (bicicletas, esteiras, etc) vi-me diante de uma fábrica de corpos: todos tentando se parecer com o modelo difundido, todos hipnotizados, comprando suplementos, exercitando-se até a exaustão física, sonhando em adquirir aparelhos eletrônicos abdominais, moldados pelas regras sociais de uma cultura que nunca se afirmou tão fortemente na busca do corpo perfeito como hoje.

Como vimos, pode-se postular que a saúde orienta estas práticas, mas não nos enganemos: ela é, na maioria dos casos, uma mera desculpa, já que as rotinas de contenção de peso e mesmo a prática desenfreada de exercícios físicos certamente estão muito mais ligadas à obsessão do corpo perfeito do que à manutenção à saúde. Contemplamos e desejamos corpos que aprendemos a ver como belos e estamos dispostos a tudo para alcançá-los.

Afinal, os recursos técnicos estão ao alcance de quem puder pagá-los. É possível medir com exatidão a taxa de gordura corporal e valer-se de várias tecnologias para combatê-la: os alimentos industrializados fornecem tabelas de informações nutricionais; é possível pesá-los com balanças caseiras e calcular exatamente quanto comer; a ciência nos disponibilizou técnicas cirúrgicas para a obtenção de beleza; há inibidores de apetite, proteínas sintetizadas, anabolizantes... Sob o corpo é possível aplicar a mesma racionalidade que impregna todos os setores da vida moderna.

Mas, como nos lembrou Max Weber, há perigos nesta demasia racionalidade. Ela é indissociável de dois processos: o desencantamento do mundo e a alienação.

Ao expulsarmos, em nome da razão, conteúdos emocionais e mágicos, tornamos o mundo (e nossas vidas) desprovidas de encanto: passamos a viver em um mundo de matéria e de seres que se encontram à serviço da humanidade, destinados a serem utilizados e consumidos.

Neste processo de desencantamento do mundo, maior é o perigo da alienação; já que estamos condenados a só realizar uma parte daquilo que deveríamos ser, sem outra esperança de grandeza senão a de aceitar tal limitação.

Presos à ideologias estéticas embebidas de calcubilidade, os *bodybuilders* (e em especial, as mulheres) chegam a sacrificar, pela estética, outras esferas da vida. Muitas delas abrem mão de compromissos ou encontros com aqueles que não estão inseridos no universo da academia. Recusam almoços ou jantares que possam comprometer as formas cuidadosamente

construídas. Abrem mão dos prazeres da boa mesa e chegam a descartar parceiros que não as apóiam na busca do corpo. Sabino (2002) reforça este dado com o testemunho de uma entrevistada de 26 anos, advogada: *“Meu namorado me deu um ultimato: ou eu, ou a academia. Não pensei duas vezes; terminei o namoro de seis anos. Foi difícil, porque seis anos não são seis dias. Eu venho para a academia seis vezes por semana, deixo de comer uma porção de coisas para ficar com o percentual de gordura baixo e faço isso já tem quatro anos (...)”* (Sabino, 2002, p. 161).

Ou seja, se o corpo na atualidade pode ser um meio de atrair parceiros e promover relacionamentos, também se transforma em próprio fim, e de tão cultuado em si mesmo, afasta quem não adere às novas lógicas de culto ao corpo. Ou, como diria Debord, *“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo”* (Debord, 1992, p. 24).

Segundo uma das entrevistadas, *“Hoje você nem precisa ter tanta intelectualidade, nunca pensei que quatro bolas no seu corpo, duas atrás, duas na frente, não deixa de ser o país das bolas, fariam com que você fosse interessante, mas o mais preocupante é que nós mulheres nos deixamos cair nisto e nos tornamos escravas, a mulher se submete a esta pressão social (...) A mulher precisa fazer esporte, mas não deve se submeter à mídia, ao poder masculino, de ser gostosa e não só culto ao corpo, porque senão, a gente vai ser escrava da gente mesma...”* (Mulher 66, 44 anos).

Neste sentido, Goldenberg (2004) afirma que a atual obsessão com o corpo tem levado a muitos desencontros, frustrações e insatisfações, observando que talvez este seja o momento de se pensar mais criticamente sobre os valores que determinam alguns comportamentos femininos. Ela cita Naomi Wolf, que defende que as mulheres lutem pela mais básica das liberdades: a de imaginar o próprio futuro e de ter orgulho da sua própria vida, demonstrar sua lealdade para com a sua idade, seu corpo, sua pessoa e sua história: *“A eliminação dos sinais de idade dos rostos e corpos femininos deveria ter a mesma ressonância política que seria provocada se todas as imagens de negros fossem clareadas, pois equivale a apagar a identidade, o poder e o valor das mulheres”*. (Wolf, apud Goldenberg, 2004: 43).

A lógica do culto ao corpo, se por um lado promove mecanismos de identidade, também nos faz correr o risco de perder o valor ético das diferenças, gerando o aprisionamento e a falta de opção individual e minando qualquer possibilidade de transcendência. Voltamos assim, a idéia Weberiana da “gaiola de ferro”: sobre o corpo depositam-se mecanismos de racionalidade técnica e padronização, mas sem que estes tenham destinação social humana. Eles terminam exatamente onde começam: no próprio corpo.

E a saída, parece distante; pois quando a racionalidade passa a reger todas as esferas sociais (científicas, econômicas, políticas), o único espaço que sobra é o da individualidade, que se processa, entre outras instâncias, no erotismo. Mas, como haver saída no erotismo se, no caso das entrevistadas, o corpo, veículo de prazer e liberdade, é também aprisionado por uma lógica capitalista, sendo padronizado e normatizado? No limite, a cultura da perfeição, aliada ao conhecimento técnico científico das cirurgias plásticas pode ir contra princípios éticos, incitando às mulheres a regimes e plásticas talvez desnecessárias; ou mesmo vendendo, sem se preocupar com as conseqüências, a ideologia e os riscos do culto ao corpo perfeito. Como ficam a ética e o respeito às diferenças quando se postulam ideais estanques, seja de credo religioso, seja corporal?

O que podemos concluir com relação à cultura do corpo na atualidade? Devido ao caráter polissêmico do corpo, seu conhecimento é interminável, recolocando o tempo todo tanto os limites sobre ele quanto os de nossa análise sobre suas representações. Permanentemente em construção, processo cultural por excelência, o corpo suscita mais questões do que respostas.

Portanto, encerro com uma pergunta: seriam os *bodybuilders* e adeptas da magreza extrema os novos sujeitos de uma história permanentemente por escrever, principais agentes de uma nova cultura do corpo? Ou seriam talvez os condenados da aparência, os novos sujeitados de uma tirania do detalhe anatômico que a utopia do corpo incessantemente produz?

Talvez possamos ver no culto ao corpo a modernidade se realizando, com todas as contradições que a caracterizam: a técnica invadindo cada vez mais o mundo privado da casa e do próprio corpo, permitindo uma mudança corporal sem precedentes, mas também prendendo homens e mulheres em templos de vidros (ou “gaiolas de ferro”...) moldados por nós mesmos... Enveredamos por um processo de constituição de identidade calcado na obtenção e exposição do corpo perfeito que, ao mesmo tempo em que nos singulariza e nos diferencia dos outros, liberando nossa capacidade expressiva, também nos homogeneiza. Que liberta formas que já não precisam de suportes, sustentam-se por si só, mas que são fruto de investimentos e disciplinas constantes. Que engendra novas moralidades, mas que nos faz mergulhar cada vez mais no turbilhão de um mundo regido pela aparência, que, como já destacavam Baudelaire, Benjamin e Debord, dilui as fronteiras entre realidade, arte, ficção, aparência e espetáculo.

No centro deste turbilhão, estamos nós, às vezes hipnotizados demais, às vezes encarando a esfinge e tentando encontrar sentidos no caos.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles - “Le preintre de la vie moderne”, 1864, in: A Sociedade de Consumo, Lisboa, Edições 70, s/d.

BAKHTIN, Mikhail – A cultura popular na idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo, Hucitec, Brasília: Editora da UnB, 1987.

BENJAMIN, Walter- “Paris, capital do século XIX”, in: Os Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Ática, 1995.

BERGER, Mirela – Corpo e Identidade Feminina, Tese de doutorado, PPGAS, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

“Mídia e espetáculo no processo de culto ao corpo: o corpo miragem”, Revista Sinais, Núcleo de Estudos Indiciários, UFES, 2007.

COURTINE, Jean Jacques - “Os staknovistas do narcisismo: body-buildinng e puritanismo osstentatório na cultura americana do corpo”, in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant’Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

DEBORD, Guy – A Sociedade do Espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1992.

ELIAS, Nobert – O Processo Civilizador, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

FEATHERSTONE, M. *et alii* – The Body: Social Process and Cultural Theory, London, Sage, 1992.

Cultura de Consumo e Pós-Modernismo, São Paulo, Nobel, 1995.

FOUCAULT, Michel –A Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Grall, 1979.

A História da sexualidade – O Cuidado de Si (vol. 3), Rio de Janeiro, Grall, 1985.

GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva - “A civilização das formas: O corpo como valor”, in: Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro,Record, 2002.

GOLDENBERG, Mirian - “Apresentação”, “A conversão do pesquisador” e “O corpo cativo: sedução e escravidão feminina”, in: De Perto Ninguém é Normal, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.

LASCH, Chistopher - The Culture of Narcissism, New York, W. W. Norton, 1979.

MAFFESOLI, Michel – “Deixar de odiar o presente”, in: Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998.

MAUSS, Marcel - "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção do eu.", in: Sociologia e Antropologia, vol. 1, São Paulo, EPU, 1974.

“As técnicas corporais”, in: Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, 1974.

RAMECK, Maruska – Dinâmicas da Voz e do Gênero: Uma questão de poder, tese de doutorado, PUC (Pontifca Universidade Católica de São Paulo), São Paulo, 2001.

RODRIGUES, José - Tabu do Corpo, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

– O Corpo na História, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

SABINO , César – As Drogas de Apolo: O Consumo de Anabolizantes em Academias de Musculação, Rio de Janeiro, Lugar Primeiro, sem data.

“Anabolizantes: drogas de Apolo”, in: Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Mírian Goldenberg et al., Rio de Janeiro, Record, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth – A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade, Petrópolis, Vozes, 1979.

SFEZ, Lucian - “Saúde perfeita é utopia do final do século”, in: O Estado de São Paulo, n. 788, São Paulo, 7 de outubro de 1995.

SFEZ, Lucian - A Saúde Perfeita, tese sobre a imagem do corpo e da natureza nos EUA, França e Japão, Pari, 1996.

WEBER, Max – A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1989.

Notas

ⁱ A pesquisa foi realizada entre 2002/2006, em São Paulo, com 80 mulheres de classe-média-alta que freqüentavam a academia de ginástica Cia Atlética, situada no Shopping Morumbi.

ⁱⁱ E até mesmo, bem equilibrada. Inúmeras matérias de jornal ou revistas reforçam a associação entre magreza e equilíbrio emocional, como podemos ver no seguinte exemplo: “Ela emagreceu 17 kg e se tornou um exemplo. Débora teve que mudar seus hábitos para perder peso. Hoje, magra e equilibrada, ajuda outras pessoas a vencer a luta contra os quilinhos a mais.” (matéria da revista “Corpo”, outubro de 1999).